

Em 22-09-2010 16:10, Sebastião Formosinho escreveu:

**Comentários e Sugestões sobre o Relatório da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência:  
“A Ciência em Portugal”**

**I**

A busca da “excelência” é em muitos países desenvolvidos um desiderato para a ciência. A avaliação das instituições que o Reino Unido teve implementada por cerca de 20 anos, foi criticada pelo custo elevado. Julgo, porém, que o aparecimento da base de *Essential Science Indicators* (ESI), ao proporcionar os “*Field Rankings*” (áreas de *ranking*) de instituições universitárias, de laboratórios de investigação, etc. pelo critério de se encontrarem no *top 1%* a nível de citações em vinte e uma áreas científicas, poderá facultar um modo de avaliação da “excelência” a baixos custos. O ESI está baseado no *ISI Web of Knowledge* e compila os impactos científicos por períodos de 10 anos, sofrendo uma actualização de dois em dois meses, o que lhe confere um carácter dinâmico num período temporal aceitável. Uma crítica legítima é que as áreas de *ranking*, se é certo que reflectem critérios de qualidade também dependem da dimensão das instituições nos respectivos campos. Isto é bem claro quando se reconhece que nenhuma das nossas instituições de investigação fora de uma afiliação universitária se encontra nos *rankings* do ESI, em contraste do que verifica em Espanha com o CSIC. Tal já não se aplica aos hospitais na área de “Medicina Clínica”.

Sugere-se e bem que a FCT procure identificar grupos de excelência nas unidades de classificação de *bom* e os possa financiar como correspondentes a uma unidade com avaliação superior. De algum modo, algo equivalente se poderá passar em relação a unidades de investigação localizadas em universidades em áreas nos *rankings* do ESI.

Os benefícios para a sociedade são mais difíceis de avaliar pelos critérios do ESI, quer culturais, quer de mobilidade de estudantes e professores, quer de protecção de propriedade intelectual.

**II**

Como o relatório aponta: a instituição universitária trata os docentes todos por igual independentemente do seu grau de competência ou de produtividade. A avaliação dos docentes poderá tentar contrariar esta situação, mas um sistema mais próximo do espanhol, poderia atenuar esta debilidade nacional no sector público.

Sebastião J. Formosinho